
 **Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri**
Av. Jeremias Pereira, 444 Nova Olinda – CE CEP: 63165-000
Fone/Fax: 0xx (88) 546 1333 E-mail: casagrande@baydejbc.com. br

PLANILHA DE DIVISÃO DE KIT POR SETOR

| SETOR 03 | SETOR 05 | SETOR 06 | SETOR 07 | SETOR 08 |
|----------------------------|--|---|---|---|
| 01 CERA, 01 PANO E 01 PANO | 03 DESINFETANTE, 02 PINHO, 01 ÁGUA SANITÁRIA, 01 PANO E 01 CX DE SABÃO EM PÓ | 01 PINHO, 02 CERAS E 01 PANO | 01 PINHO, 01 CERA, 01 LUSTRA MÓVEIS E 01 PANO | 01 ÁLCOOL, 01 PINHO, 02 CERAS, 01 LUSTRA MÓVEIS E 01 PANO |
| SETOR 09 | SETOR 10 | SETOR 11 | SETOR 12 | SETOR 13 |
| 01 CERA, 01 PANO | 01 PINHO, 01 CERA E 01 PANO | 01 ÁLCOOL, 01 PINHO, 02 CERAS, 01 LUSTRA MÓVEIS E 01 PANO | 01 ÁLCOOL, 01 PINHO, 02 CERAS, 01 LUSTRA MÓVEIS E 01 PANO | 01 ÁGUA SANITÁRIA, 02 CERAS, 01 PINHO, 01 PANO E 01 CX DE SABÃO EM PÓ |

 **Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri**
Av. Jeremias Pereira, 444 Nova Olinda – CE CEP: 63165-000
Fone/Fax: 0xx (88) 546 1333 E-mail: casagrande@baydejbc.com. br

ORGANIZAÇÃO DE LIMPEZA. COORDENAÇÃO: DEMONTIÊR

HORÁRIO DE CHEGADA: 7:00 HORAS DA MANHÃ.
LIMPEZAS: 7:00 E 12:00

| SETOR | LOCALIDADE | RESPONSÁVEL |
|-------|---|---------------------|
| 01 | TERREIRO DA FRENTE E CALÇADA DA CASA GRANDE | DIASSIS / CRISTIANO |
| 03 | PÁTIO DO EDUCANDÁRIO | MIGUEL / ALINE |
| 04 | TEATRO INTERNO E EXTERNO | SAMUEL |
| 06 | BIBLIOTECA | SAMARA |
| 08 | VIDEOTECA, S. HISTÓRICAS, ESTUDO | LUIZ ANTONIO |
| 09 | SALA DE MÚSICA | AÉCIO |
| 10 | ALMOXARIFADO | DEMONTIÊR |
| 11 | EDITORIA | MÉIRES |
| 13 | ALOJAMENTO MASCULINO | INTERNOS |
| 15 | ALOJAMENTO DOS PROFESSORES | POLICIANA |
| 16 | RÁDIO | ALEXANDRE |
| 17 | TV | |

Figura 50 – Instrumentos de organização



Figura 51- Quadro de chaves dos setores



Figura 52 – Suvenires vendidos na Lojinha da Casa Grande



Figura 53 – Reunião para ajustes organizacionais

7.3 A ORDENAÇÃO DO COTIDIANO

Seis da matina a meninada começa chegar à Casa. Acordo com as vozes que ressoam no alojamento. Assim que chegam arrumam tudo, dividindo-se por setores. Cada jovem (ou dupla, trio) é responsável por determinado setor, desde a limpeza até o uso dos equipamentos e coordenação das atividades. A rádio inicia seu primeiro programa, “Seu Luís, o rei do baião”, com Alexandre (gerente da rádio, entrou com 11 anos e fazem 11 anos que está na Fundação), às cinco da manhã. Isto de Segunda a Sábado, pois, no Domingo, a programação se modifica, iniciando com o programa “Encontro do homem com a natureza”, com apresentação, locução e produção de Aureliano. Um mérito da Casa Grande é criar um hábito entre as crianças e jovens que a freqüentam.

O eu antigo resiste até o fim. Assim como foi um ministro do embotamento, também era um agente de segurança. Quando deixa de prestar esta segunda função, quando tem pela frente um fenômeno que não é capaz de reduzir à condição de um conceito familiar e confortável, quando, em suma, trai seu cargo de confiança como um véu que protege sua vítima do espetáculo da realidade, ele desaparece e a vítima, agora uma ex-vítima, liberta por um instante, é exposta à realidade – exposição que tem suas vantagens e desvantagens. (BECKETT, 2003, p. 19-21).

As atividades diárias de organização são feitas pelos meninos e meninas. Os mais velhos são os “gerentes” dos setores, e essas atividades são justificadas nos projetos para captação de recursos como atividades de “gestão cultural”. A Fundação é dividida em setores com os respectivos responsáveis e auxiliares. Atualmente os setores, e seus respectivos gerentes, são: Secretaria (?), Sala de Vídeo (Helinho), TV (João Paulo), Rádio (Alexandre), Biblioteca (Samara), Brinquedoteca (Suelânia), Memorial (Miguel), Sala de Música (Aécio), Teatro (Samuel), Meio Ambiente (Aureliano), Editora (Jévina), Manutenção (Demontier), Escolinha (Aline), Laboratório de Sites (Mêires).

Os auxiliares, em geral meninos e meninas mais novos, ajudam os gerentes na limpeza e organização dos setores. São eles, no momento: Kuta (secretaria), Jarmesson (Sala de Vídeo e Sala Histórica), Iriane (banheiros masculino e feminino: manhã), Mariana (Editora e

“Calçada de Miguel”), Tontonho (Teatro), Eromar (Garagem e Rádio) Jacira (Meio Ambiente), Murilo (TV e Lixossauros: cestos de lixo estilizados que ficam nos setores e que têm um rótulo dizendo quanto tempo leva determinado material para se decompor); Valêsca (Editora), Danda (Biblioteca), Ale (TV e “Calçada de De Assis”), Guilherme (Terreiro e Teatro), Jéssica (banheiros masculino e feminino: tarde), Luizinho (Sala de Música e Corredor), Policiana (Alojamentos).

Segundo uma planilha que fica atrás da porta do almoxarifado, os horários de limpeza são 7, 12 e 17 horas, divididos em dois turnos. Na planilha consta “número do setor”, localidade à qual o setor se refere e responsável. Além disso, a planilha também prevê a divisão de *kit* de limpeza por setor, e uma observação diz: “Este *kit* é para durar um mês. O setor 4 tem apenas 3 panos, a cera será repassada de acordo com a sua necessidade”.

Edificante a amplitude das atividades, que vão da limpeza aos reparos elétricos (para os maiores), passando por serviços de pedreiro, marcenaria, eletrônica etc.

Hoje aqui no projeto eu tô como gerente da rádio, eu tô gerenciando a rádio, cuidando dessa parte de programação e organização. O legal aqui é que você cuida desde a limpeza até os programas. (informação verbal⁴⁷).

Hoje a Casa Grande acordou mais silenciosa com a viagem dos meninos da banda, esta madrugada, para o Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga. Senti falta da batucada de Luizinho na bateria da sala de música onde ensaia, todos os dias, depois da limpeza, por volta das oito da matina. Aliás, do alojamento onde estou hospedado dentro da Fundação, a paisagem sonora mais intensa ressoa entre sete e oito da manhã (salvo nos dias que Alemberg e Rosiane estão na Fundação). Enquanto fazem a limpeza os meninos e meninas conversam bastante, gritam recados, correm daqui para lá... É um momento de bastante energia, logo cedo pela manhã.

Depois das oito a concentração se dá no terreiro na frente do Memorial do Homem Kariri para jogar *bila* (bola de gude), ao menos nesse período do ano, pois as brincadeiras são

⁴⁷ Alexandre.

sazonais, como as estações do ano.

Que legal, olha, é tempo da bila [mostrando os meninos brincando de bila no terreiro]. Eles são meninos do interior, com toda a tecnologia que os meninos da capital pode ter, mas o tempo da bila, olha só a empolgação deles [...] Os folguedos são muito importantes. Ir lá no computador, sabe? Ir, mas o computador não tomar a vida, num sabe? Esse tempo que o Tempo foi que criou pros meninos. É um presente do Tempo pros meninos certas brincadeiras. Folguedo já veio acho que desde o primeiro menino do mundo, sabe? É quem é que dá? É o Tempo, a mãe natureza dá, os períodos. Vai dando aquele sentimento no coração da criança, pr'aquela coisa, é assim, e de uma hora pra outra eles começam a jogar bila, a jogar peão. Que é que puxa? Porque menino não tá ligado em mês, em dia. Quem é que puxa o cordão de pegar o primeiro peão, sair do bolso, jogar na praça (porque você vê que é uma coisa coletiva, acontece ali no bairro, acontece, né)? (...) Aí onde existe aquela coisa: tecnologia não corrompe a criança do sertão. Isso aí não tá tirando a criança... Ter computador, câmera, essas coisas. Olha aí, a intensidade com que eles brincam, é a mesma intensidade. (informação verbal⁴⁸).

Entretanto, toda essa movimentação pela manhã não é o comum, pois a Casa Grande funciona, durante o período de aulas, com a presença de todos à tarde. A idéia é que o maior número das meninas e meninos estudem pela manhã e estejam na Fundação à tarde. Em consequência das férias forçosamente prolongadas, por causa das fortes chuvas até o mês de março, é que o movimento na Fundação tem sido intenso todos os dias, o dia todo. Os meninos e meninas praticamente só vão para casa comer e dormir. Deixar de ir à Casa Grande só se estiverem doentes ou suspensos (a suspensão é utilizada como forma de punição, e Alemberg é que tem a prerrogativa de punir). Quando alguém está num horário na escola que prejudica o que fora pensado de atividade para realizar na Casa Grande, pede-se a Samara (gerente do setor pedagógico) que entre em contato com a escola para mudá-lo de horário. Interferir na escola é fácil, pois os meninos e meninas da Casa Grande são tidos como diferentes dos demais, são muito respeitados pelos professores(as), coordenadores(as), diretores(as) – e, conseqüentemente, mais cobrados também. Muitos com os quais conversei apontam tal juízo diferencial a seu respeito, com orgulho e também preocupação. Pois isso pode significar tanto um privilégio quanto um peso, a famosa “marcação” do professor em

⁴⁸ Alemberg.

relação ao aluno: “Nem uma folha de papel pode escapar de sua mão que já estão dizendo: ‘um menino da Casa Grande jogando papel no chão?’”.

Na escola eu sou responsável de olhar primeiro como é que tá cada menino na escola, de acompanhamento por aquelas fichas que facilitam mais a vida pra não ter que tá lá direto, com aquelas fichas os professores mesmo quando vai tendo alguma ocorrência vão passando pra mim assim de saber como é que tá a situação dos meninos na escola e trazer pra cá pra Casa Grande, cada um, pra não ter os problemas que a gente teve no ano passado: um monte de menino no final do ano e que veio saber, um monte de menino de recuperação, menino reprovado... Aí pra não ter esse tipo de problema no final do ano já tá desde o começo do ano tendo esse acompanhamento assim mais em cima mesmo. (informação verbal⁴⁹).

Praticamente toda a manutenção da Fundação é feita pelos meninos e meninas, salvo algum reparo mais complexo que necessite de formação especializada. Isso ajuda na sustentabilidade da Fundação, pois permite que seu corpo de funcionários seja bastante enxuto.

Porque nenhum financiador, seja ele governamental ou não, quer financiar a estrutura da instituição, né? Então a gente tem que aprender a gerenciar primeiro fazendo uma instituição altamente enxuta, sem custo, com custo no mínimo, enxugar o máximo possível, não ter funcionário, não ter quadro de funcionários pra ter que pagar e tal... Porque muitas vezes, eu conheço algumas instituições que têm um quadro de funcionários altíssimo. Aí quando acaba o recurso a instituição fecha as portas, porque não tem quem faça mais nada. Então a Casa Grande, como ela tem esse curso contínuo de gestão cultural, com os próprios meninos e jovens que são beneficiados, eles vão aprendendo e vão repassando, e vão aprendendo a gerenciar os setores. Então a gente criou uma estrutura que a Fundação ela já funciona por si só, sem precisar muito essa coisa de ter faxineiro que faz a limpeza, de ter... Quer dizer, porque tem essa coisa de gerenciar que é repassada para os meninos, e que eles fazem automaticamente já, né? Mas ainda tem um grande peso institucional nas costas dos diretores que são três: o diretor-presidente, o administrativo e o financeiro. O presidente faz o trabalho de buscar recursos, de contatos, de interlocutor mesmo, assim, de expor a instituição pra que a instituição tenha uma visibilidade, ela seja reconhecida, e através dessa visibilidade ela seja reconhecida, e através desse reconhecimento ela tenha parceiros, ela tenha respaldo... O diretor administrativo faz esse trabalho da formulação desses projetos. O diretor-presidente passa os contatos, aí o diretor administrativo vai pegar esses contatos e formatar para direcionar para os projetos, daquilo que o diretor-presidente contactou. E o financeiro é super importante, porque faz esse trabalho de acompanhamento de todo gasto, do acompanhamento financeiro de cada projeto, da contabilidade de cada projeto, da prestação de contas de cada projeto de acordo com o perfil de cada financiador, porque cada financiador tem uma forma, quer a prestação de contas de uma forma; e a própria Fundação tem uma estrutura que ela precisa anualmente passar toda

⁴⁹ Samara.

a contabilidade dela à promotoria. (informação verbal⁵⁰).

Ontem, depois do costumeiro café da noite na casa de dona Francinete, voltando para a Casa Grande já perto das vinte e duas horas (horário em que algum dos meninos que dormem na Fundação fecha o portão, apaga as luzes e solta os cachorros), paramos para conversar um pouco com Miguel, que estava sentado na esquina do canteiro-praça em frente ao Memorial – como sempre fazem, principalmente no final da tarde em diante, reunindo-se para olhar o movimento, conversar... Relebrávamos a vez quando nos encontramos na cidade de Guaramiranga (também no estado do Ceará), a cerca de um ano atrás, no Festival de Jazz e Blues que ocorre anualmente à época do Carnaval, e que ele havia ido tocar sax com a Banda dos Meninos da Casa Grande e atuar como roadie. Nesse ano ele não vai, pois, como é um dos responsáveis pela TV Casa Grande que recentemente recebeu um Macintosh G4⁵¹, irá participar de uma oficina de edição não-linear que será ministrada através de uma parceria entre a Casa Grande e o Alpendre (uma ONG de Fortaleza que desenvolve atividades ligadas à produção audiovisual com jovens), que enviará um técnico em edição, sendo que a Casa Grande arcará com as despesas de passagens, estadia e alimentação. Em contrapartida, o Alpendre enviará alguns jovens que participam de suas atividades para conviverem com os meninos e meninas da Casa Grande.

Miguel ressaltou que acha inteligente esse rodízio de funções (uma vez como músico, uma vez como roadie, uma vez não viaja para cuidar de outras coisas na Fundação). A depender da necessidade que o contexto da Fundação exprima (e do interesse que demonstram) os meninos e meninas vão variando as funções que desempenham e, conseqüentemente, aprendendo diversos ofícios. Não há “cargo vitalício” que não possa ser modificado. É certo que alguns têm já bastante tempo num setor (como é o caso do próprio Miguel), mas estarão dispostos a mudar de lugar se assim se fizer necessário. Samara é um

⁵⁰ Rosiane.

⁵¹ Computador que opera como ilha de edição digital para vídeo.

exemplo: gerente da biblioteca desempenha diversas funções na Fundação.

Aqui dentro da Casa Grande o acompanhamento pedagógico é assim. A questão das oficinas, assim, acompanhar as oficinas, ver como é que cada monitor ta desenvolvendo suas oficinas, se se quando tem algum problema com os alunos também eles me procuram. Então se o menino quer participar de alguma oficina ele tem que procurar a mim primeiro pra falar: Samara, quero participar de uma oficina. Daí vou encaminhar pro monitor (...) Sim, aí, outra coisa que o setor pedagógico faz acompanhamento é dos círculos que a gente faz, que é dos círculos de leitura, do círculo das sessões de cinema, círculo de música que é um outro, que também faz parte do setor pedagógico, né? Sim, e o que mais que eu faço? É, eu sou gerente da biblioteca também, e eu que organizo também o círculo de leitura, só que agora como eu to no, no, no... setor pedagógico e eu já to, vou ter que sair pra fazer o meu estágio, aí eu vou ter que falar com Alembert pra passar pra outra pessoa porque senão fico cheia de coisa demais pra fazer. Aí, o que mais (...) Tenho que ta acompanhando ainda, pra fazer roteiro e tudo o mais. Na TV eu tô fazendo roteiro sempre que precisa de roteiro, pauta. Continuo fazendo produção e reportagem, mas também to querendo formar alguém pra ficar fazendo reportagem, pra não ficar sempre só em mim, só em mim, até porquê na TV (assim, de uns tempos pra cá) o que eu mais gosto é mais ligado à produção mesmo, gosto de ficar com o pessoal da cozinha, o pessoal da cozinha mesmo é o que eu mais gosto (...) Sim, é, eu continuo com a banda ainda, né?, só que agora como eles estão mais com esse show mais instrumental eu não acompanhei. Tá vindo uma professora agora dar aula de canto também. (informação verbal).

A idéia, na Fundação, é que todos façam de tudo, na medida do possível e dos limites de cada um. Isso cria um clima que tende à horizontalidade no desempenho das atividades de rotina para a manutenção do espaço, pois todos podem ser chamados a fazer qualquer tipo de atividade. Efetua-se um tipo de educação que, além de ensinar uma variedade de habilidades *vulgares*, que poderão ser úteis em qualquer lugar, mostra que todas são importantes e compõem como partes para o funcionamento do todo. Apreende-se uma regra comum, que produz um efeito de comunidade. Que resultados diferenciados isso pode ter com relação aos projetos sociais que tratam os beneficiários como clientes e têm uma série de profissionais para “cuidarem” dos jovens e para manterem a organização da instituição?

Conversava com um pai que tivera seu filho na Fundação, mas que houvera saído, segundo ele, por espontânea vontade, como fazia questão de deixar claro. Ele contava que seu filho fazia coisas lá que nunca sonhou fazer em casa. Enquanto em casa “eu [o pai], a mãe e a empregada estamos sempre prontos para fazer as coisas pelo menino (até apanhar as meias

que ele deixa pela casa a mãe apanha) na Casa Grande cansei de ver o menino varrendo chão. Eu passava pelo lado de fora ele me via e baixava a cabeça, com vergonha”. Queixou-se que os meninos não recebem nenhum benefício, pois sabia que muitos pais mandam os filhos para a Casa Grande na esperança que eles se alimentem, já que falta alimento em casa, “mas lá eles não dão nem um prato de comida”. Contou ainda de uma mãe que chegou a ele para contar sobre sua filha, que passa boa parte do tempo na Fundação, mas vem em casa pedir dinheiro para merendar. Como a mãe não podia ficar dando dinheiro, não sabia o que fazer. Nesses casos, ponderou, a alternativa seria tirar a filha da Casa Grande para ela ajudar em casa ou trabalhar fora.

Olhe, de fome Tom Zé não morreu, nem eu. Então o que é que faz a gente sobreviver? Eu acho que a Casa Grande dá um alimento muito mais substancial, mais substancial do que essa coisa... A pessoa precisa se alimentar, mas isso é responsabilidade... Eu tenho dito na reunião dos pais, que você não teve oportunidade de ver, “quem pariu Mateus que balance”. Se você botou um filho no mundo você tem que dar educação a ele, tá aí, tá no estatuto [Estatuto da Criança e do Adolescente], né? Então a Casa Grande ela é um complemento. Eu acho muito mais saudável o Raimundo tá aqui comendo na casa de um e comendo na casa de outro. Por exemplo, agora mesmo veio um oficineiro dar uma oficina. Eu disse, olhe, a Casa Grande vai fazer o seguinte: leve o oficineiro pra comer aqui na casa de um e na casa de outro, que é pra eles valorizarem que o filho deles tá sendo instruído por aquele rapaz, então vamo alimentar ele. A gente encontra alguns livros assim de pessoas que andavam em comunidades e ensinavam, e as pessoas alimentavam aquela pessoa porque tava sendo importante pra comunidade deles, né? Então eu vejo assim, eu vejo que existe uma coisa muito maior, existe uma grandeza maior no que tá acontecendo com Raimundo, dele comer na casa de um e comer na casa de outro, do que se a gente tivesse comida pra ele aqui. Porque é aquela coisa dele precisar das pessoas. Isso aí é, no mínimo, no mínimo, é um abafó em relação ao orgulho, porque todo dia ele vai na casa de um. Porque nós todos precisamos de todos nós. Num é? Tem até aquela música, “vamos precisar de todo mundo”, que é aquela música d’O Sal da Terra, né? Então eu acho que isso é o sal da terra, né? [...] Eu jamais assim, não é a meta. E se um dia vier uma alimentação pros meninos da Casa Grande também, que não é o foco principal, que já entrou, já entrou algumas vezes, entrou, saiu, também não mexeu nas estruturas da Fundação, e pra mim é continuar assim [...] Eu quando era menino, meu pai... O lanche muitas vezes cansei de botar farinha com açúcar e comer, né? Farinha com açúcar, a coisa mais gostosa do mundo. Quando eu consegui, quando eu pude lanchar Kibon também é gostoso do mesmo jeito. (informação verbal⁵²).

O “projeto”, como chamam a Casa Grande, às vezes, quando estão incorporando uma

⁵² Alemberg.

postura formal diante de algum visitante, agrega cerca de 70 jovens e crianças (número oficial de beneficiários), sem faixa etária pré-determinada, mas a circulação de crianças e jovens é bem superior a este número, pois não há impedimentos para entrar e sair da Fundação: muitas crianças da cidade ficam por lá, brincando de bila, de elástico, vendo os outros meninos e meninas realizarem suas funções, alguns se envolvem, ajudam, e, com o tempo, são incorporados à Fundação através do ritual de receber o uniforme numa reunião, das mãos de Alemberg.

Porque tem aqueles que vêm pra cá e ficam por aqui. Mas que tão aqui mesmo, que tão todo dia, que tão assim vindo constantemente e participando de todas as atividades são 70, assim, uma média de 70, desde o início sempre foi assim, a gente sempre contou com a clientela que a gente atende e tudo mais, mas hoje em dia a gente resolveu fechar nesses 70. (informação verbal⁵³).

Além do uniforme é preenchida uma ficha de matrícula, onde constam dados gerais (nome, endereço, data de nascimento), também dados sobre moradia (com quem moram, quantos moram, se tem irmãos - quantos e nível de escolaridade -, situação de acomodação da casa, tipo de construção) e renda. A ficha consta ainda de um ofício de solicitação de vaga pelo responsável, e um termo de licença do uso de imagem de dependente.

Noto que às vezes as instituições elas têm um envolvimento muito impessoal com a clientela que ela atende, né? Que ela já começa chamando de “clientela”, quer dizer, aquela criança chega na instituição, passa a tarde ali assistindo aula ou seja o que for, fazendo atividade, e quando chega certa idade é tchau e “bença”; ou quando atinge um certo índice de um certo produto, ele já fez, já produziu, também tchau; ou é durante o projeto, é só durante um ano e tchau. A Casa Grande não funciona assim. Os primeiros chegaram com nove, dez anos, e hoje são rapazes e moças aqui ainda envolvidos na Fundação, e tem outros que tão chegando pequenos e a tendência é que eles cresçam aqui dentro. Então tem uma relação muito mais humana, de ver realmente aquele indivíduo crescer, se fortalecer, se tornar uma pessoa, se tornar uma pessoa qualificada, com discernimento; acompanhar aquela pessoa, a trajetória de início de vida daquela pessoa, até soltar ela pro mundo de uma forma mais equilibrada. O objetivo da Casa Grande eu vejo que tá muito mais ligado a cada pessoa mesmo, a cada indivíduo, à formação mesmo do cidadão, mas não só nesse sentido dos “direitos do cidadão”. O povo acha que formar cidadão é só fazer um bocado de papagaio, pererê, pererê, pererê, dizendo aquele monte de direito e deveres que tem... (informação verbal⁵⁴).

⁵³ Alemberg.

⁵⁴ Rosiane.

A transmissão técnica dos Laboratórios se faz, para os maiores, através de convênios com a Universidade, organizações e profissionais que se prontificam, muitas vezes gratuitamente (sendo que a Fundação banca as passagens, estadia e alimentação), em passar alguns dias na Fundação realizando alguma capacitação específica demandada pelos gerentes; enquanto eles, como retribuição, aprendem alguma coisa com a convivência com os meninos e meninas.

A UFC [Universidade Federal do Ceará] ainda hoje, né, a gente tem um intercâmbio com o curso de comunicação social. Agora, no ano passado, a gente começou também com o curso de pedagogia... Eles começavam a mandar alguns alunos pra cá que vêm ministrar oficinas que duram às vezes uma semana, às vezes um final de semana também. Mas com o pessoal da comunicação, que já vem há alguns anos, não lembro exatamente quantos, eles mandam alunos que já tão nos últimos semestres de faculdade e mandam pra cá, e a gente na verdade faz uma troca, porque eles trazem a teoria deles e unem à prática da gente. Então que a gente tem um montão de coisa aqui, tipo: a rádio da gente é uma coisa que tá funcionando direto, né, diariamente. Então é uma coisa que eles não têm lá todo dia, até pelo próprio equipamento que eles têm. Então é uma troca – eu tô dizendo na verdade as palavras deles, eles que falam também “Ah, é uma troca isso, porque tem muitas coisas que vocês têm aqui que a gente nem sonha em ter lá na faculdade, muitas coisas que vocês fazem aqui também...” Então eles vão trazendo mais a teoria e unindo à prática da gente. Então muitas vezes eles vão adaptando até aquilo que eles vêm aprendendo àquilo que a gente vem fazendo aqui. Por exemplo, esse final de semana mesmo tá vindo uma oficina de quadrinhos [...] Antigamente vinha de dois professores, de três... Mas só que quando vinham de dois professores, ou de três, eles ficavam nos grupinhos deles e num, tipo, num andavam mais pelo projeto pra conhecer mais as coisas. Porque o interessante também não é nem só eles virem dar oficina, mas eles conhecerem o cotidiano da Fundação. Aí o que aconteceu foi que a gente disse: vem, mas vem um só professor, não precisa vir dois professores. Pra ficar até melhor, porque aí ele vem e fica sem saída, tem que ser amigo da gente, não tem jeito, ou é amigo ou é amigo. Senão fica solitário, se tranca dentro do quarto. É, mas era assim, tinha uns que chegavam, se trancava, ficava os dois juntos e sumiam no mundo, não chegava nem aqui, dava a oficina, terminou a oficina, pronto. Dava o horário, pronto, vamo simhora. [*Mas o que é que você acha de importante nisso?*] Deles conhecerem. Sabe o que era? Alguns dos alunos – eu vou dizer assim o que eu vejo, lógico, tu perguntou o que é que eu acho. Assim, tem alguns alunos do curso de comunicação, inclusive eu tava até conversando com Socorro⁵⁵ outro dia, que eles fazem comunicação social, mas não têm nem idéia do que seja isso. Eles podem saber muito na teoria, mas na prática “nheco”, nada. Menino, chegou um dia aqui um pessoal do curso de comunicação social, foi duma universidade da Paraíba – não sei se foi a Federal da Paraíba -, que eu fiquei “meu Jesus amado”! Uma mulher tão

⁵⁵ Socorro Acioli escreveu a monografia *Fundação Casa Grande: comunicação para a educação* na disciplina Projeto Experimental do curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará em maio de 2002.

“perua” dum jeito, que chegou aqui, que eu e o pessoal olhava assim [...] Porque tem muita gente que olha assim, tipo, quando fala “é projeto social”, tipo, eles já olham meio de banda assim... Porque o interessante [...] não é isso, não é o bonitim, nem é “oh, o menininho apresentando um programa de rádio, como é bonitim, dez anos!” Não é isso não. Teve um dia que a mulher entrou, não é fugindo do assunto não, mas um dia chegou uma mulher na rádio aí eu fazendo o programa, disse: “Olha que lindo, fazendo programa! Quantos anos cê tem?” Dezenove. “Ah, dezenove?” Aí fechou a porta e saiu. Olha! Rapaz! E é desse jeito que esse povo enxerga a gente, esse povo que vinha pra cá e dava... É por isso que eles agora tão fechando o cerco. Num é qualquer um que vem dar oficina também não, eles têm que mostrar interesse também. Porque tinha uns que vinha assim, dava a oficina, tipo assim, só pra “tapar buraco” [...] Um povo que faz comunicação social, comunicação social, e chega assim, tá num projeto de comunicação social, e olha de banda, tipo, num valoriza muito. Hoje em dia, como a Casa Grande tem ganhado seu espaço, assim, acho que não é nem nacionalmente, internacionalmente, que hoje vem gente de todo lugar do mundo conhecer a Casa Grande, e esse povo hoje em dia eles é que procuram [...] Hoje em dia não, até que o povo tá vindo com esses abusos não. (informação verbal⁵⁶).

Miguel, um dos membros mais antigos, entrou no início da Fundação em 1992, com 9 anos, e hoje está gerenciando o Memorial e ministrando a oficina de edição. Fala como aprendeu a editar.

Rapaz, a gente antes a gente conseguiu trabalhar só com esses dois vídeos e com esses dois monitor, que era daquela forma, a gente dava o *play* numa fita e, tá, na outra, aí ia fazendo os cortes. Veio só uma pessoa quando esse equipamento chegou dizendo, ó, é dessa forma, o equipamento funciona dessa forma. Aí eu peguei, os meninos começaram a filmar, começaram a trazer fita, aí eu comecei a brincar. Era como se fosse uma brincadeira pra mim, eu chegava e dizia: Ei, vou fazer um *videozim*. Aí começava. Aí fui aprendendo, descobrindo... Aí mais na frente veio um pessoal fazer um documentário aqui na região que foi A Terra Prometida. Henry, que ele trabalhava fazendo produção pro Globo Ciência, pra esse Globo Ecologia, aí ele me levou pro Rio de Janeiro pr’eu conhecer lá a Globo, onde eles produziam esses programas. Aí lá foi onde eu me interessei mais assim. Eu via o pessoal editando com outros equipamentos que não era só esses vídeos que a gente tinha... Rapaz, é bom porque as coisas tudo bonitas lá, o equipamento de edição, as salas... Aí eu disse: Rapaz, vou me dedicar mais. Aí comecei a estudar. Aí, quando cheguei aqui, aí a gente começou o nosso. Nós tinha uma câmera Super VHS. A gente viu a necessidade de já ter uma câmera melhor. A gente conseguiu uma câmera melhor e o Casa Blanca. Aí pronto, quando eu vi o Casa Blanca aí eu comecei pelo manual dele, comecei a estudar ele, ver como era que fazia as coisas. Aí pronto, a gente foi aprendendo, aprendeu mais assim mesmo se dedicando. Nós aqui na Casa Grande vem aprendendo dessa forma: se dedica a uma coisa aí aprende. Vai descobrindo. Às vezes vêm as pessoas de fora, que trabalha na área, aí pede a gente pra ir perguntando - “E isso? E isso?” A pessoa vai falando e a gente vai enriquecendo o conhecimento da gente. (informação

⁵⁶ Samara.

verbal⁵⁷).

Para os menores a transmissão técnica é feita pelos maiores, através das tarefas cotidianas que os menores acompanham observando ou auxiliando, pelo rodízio nas oficinas, que proporciona a identificação da criança ou jovem com uma determinada área de conhecimento ou arte de fazer.

[...] por exemplo, Jarmilson, ele vai fazer a oficina de sax e flauta, mas ele também vai fazer oficina de edição, porque aqui a Casa Grande não é só assim, num é só a criança ou o adolescente se dedicar só a uma área, como por exemplo, só à música. Eles passam por todos os laboratórios. Teve aluno meu do ano passado que esse ano já não vai ta mais nessa oficina, já vai ta noutra oficina, porque nesse ano aprendeu um pouco aqui e ta querendo participar d'outra oficina pra também adquirir conhecimento d'outra oficina. Aí é dessa forma, de acordo com... Todos passam por todos os laboratórios, como você pode ver tem uns que fazem rádio, tem outros que já tão fazendo TV, tem outros que fazem música fazendo parte do laboratório de música. É dessa forma, todos passam por todos os laboratórios. (informação verbal⁵⁸).

Mas o que vale mesmo para aprender, o que está no fundamento do aprendizado, que se pode deprender da experiência da Casa Grande, é a *vontade* de participar “daquilo” (rádio, TV, banda etc.), que leva à curiosidade de observar (“O principal fator pra se aprender é observar”, dizia Aemberg) como “aquilo” funciona e, de repente, uma oportunidade casual proporciona um oportuno momento de teste.

O que é legal na rádio é que todo menino aqui tá pra fazer um programa de rádio. Assim, tem todos os locutores, mas de repente a mãe de um menino chamou pra ir em casa dar um recado, coisa e tal, às vezes tem uma urgência. Às vezes ta um menino ali brincando aí diz: ei, menino, vai ali fazer o programa. Aí o menino, *vup*, vai pra rádio direto fazer o programa [...] Tem a turma aí que ta recebendo essa capacitação que eu nem tive, assim, que é essa oficina também que eu dou pro UNICEF, que a gente centralizou ela mais pra trabalhar os programas da gente, aí tem uma turma aí que ta recebendo essa capacitação já pra fazer programas. [*No tempo que tu entrou era como?*] Era assim, a gente chegava, tava rolando programa e a gente ficava: ei, pra que serve isso? Pra que é que serve isso? E aí a gente ia indo observando como é que é feito o programa e assim foi pegando. E hoje a gente já ta ensinando eles, os meninos que taí chegando, e é até bom, né? Quando a gente ensina e vê que neguim aprendeu é que a gente sabe que ta indo, que ta aprendendo. (informação verbal⁵⁹).

⁵⁷ Miguel.

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ Alexandre.

Em qualquer atividade tem sempre uma criança à espreita, observando, curiosa em saber e aprender o que um mais velho está fazendo. Muito do aprendizado se dá desse modo informal e cotidiano, na convivência, pelas vizinhanças, no fetiche que se cria em torno das atividades e dos suportes técnicos: se não pode mexer, faz-se o possível para, observando como os outros mexem, aprender a mexer (ou realizar determinada atividade) para estar à altura quando for chamado, ou, se pedirem, que possam confiar que não vai dismantelar o equipamento. E o aprendizado técnico ocorre sob o pretexto de algo real, e não de algo que se deva aprender porque *poderá* servir para utilizar no futuro, isto é, há uma necessidade organizacional imediata, seja de manutenção, seja de criação, e que implica no funcionamento da Fundação, que depende dos meninos e meninas e de suas habilidades e compromisso. O fato de a Fundação depender, para funcionar, das meninas e meninos, faz com que o compromisso que cada um deve ter seja efeito de um plano de composição imanente que é a condição de existência da própria Fundação.

Na editora eu agora como eu já tenho os alunos que eu formei estão fazendo revista em quadrinho, então eu já não to fazendo mais, nem revista em quadrinho nem as ilustrações do Memorial. Eu já to passando pra outras pessoas fazerem isso. Então os alunos da minha oficina passada já, já foram formados por mim no ano passado já estão fazendo tanto revista em quadrinho quanto ilustração pro Memorial. Mas vez por outra eu ainda faço algumas coisas também. (informação verbal⁶⁰).

No período em que estávamos na Casa Grande iniciaram as oficinas, depois de um recesso coincidente com o período das férias escolares. As oficinas ocorrem de segunda a sexta, das quatro às cinco da tarde, exceto a de Rádio, que acontece durante a *Hora do Brasil*, enquanto a Rádio está desligada. São as seguintes oficinas que passaram a ser ministradas: *Design Gráfico* (por Mêires), *Cartoon* (por Samara), *Câmera* (por João Paulo), *Edição* (por Miguel), *Guitarra* (por Samuel), *Baixo* (por Aécio), *Bateria* (por Helinho), *Flauta* (por Luis Antonio), *Rádio* (a única oficina ministrada para todos, por Alexandre) e *Meio Ambiente* (para as crianças da Escolinha, por Aureliano).

⁶⁰ Samara.

A gente faz um planejamento, né... Primeiro eu fiz um planejamento do que eu sei mais ou menos aqui de edição [...] Primeiro a gente vai começar com o conhecimento do equipamento, conhecer o equipamento, o que é o equipamento de edição; aí depois que conhecer o equipamento a gente vai entrar assim na história da edição, pra quê serve uma edição, essas coisas. O recurso de edição durante um vídeo, durante um documentário, durante um filme. A gente... primeiro eu passo pra eles esse conhecimento do equipamento, também se conhecer o que é um equipamento 110/220, como cuidar do equipamento em termos de limpar o equipamento, os cuidados com o equipamento. Aí depois a gente entra no que é mesmo a edição, por exemplo, a gente assiste vídeos que a gente fez até quando antes a gente não tinha os recursos que a gente tem em termos de equipamento, equipamentos de qualidade, a gente vai vendo o que a gente começou a produzir, fazendo até caracteres ainda na mão mesmo, desenhando ainda na mão mesmo e filmando com a câmera... A gente vai vendo esses vídeos aí depois vai começando a assistir os outros, assim como se fosse de acordo como se fosse uma evolução da edição aqui dentro mesmo da nossa TV. A gente começa com esses vídeos que a gente fazia, os caracteres ainda na mão, fazia os cortes, dava o *play* num vídeo e o *rec* no outro e ia cortando manual mesmo. Aí a gente vai começando a ver isso, aí a gente vai entrando nos vídeos que a gente já tá fazendo com esses equipamentos que a gente tem, por exemplo, o Casablanca, que já é um equipamento mais preciso, que já gera os caracteres através do teclado, a gente escolhe fonte, tipo um computador mas bem prático, bem *facim* de mexer. Depois agora a gente já tá começando já a editar nos programas que a gente tem no Macintosh e... É, a oficina começa assim primeiro eles vão ter conhecimento do equipamento e depois na medida que vai acontecendo em cada dia eu vou ensinando uma coisa e começando a ter gosto pela edição a gente faz alguns exercícios, porque até eu falo pra eles que pra ser editor tem que ter muita paciência, essa coisa, aí eu vou explorando a paciência deles, mexendo... é uma experiência assim bem legal porque à medida que a pessoa vai ensinando pra eles a pessoa vai descobrindo outras coisas, vai aprendendo também junto com eles, porque da forma que a gente aprendeu a gente vem procurando ensinar pra eles assim, é procurando aprender mesmo, é se dedicando naquele equipamento, vê, como por exemplo, agora mesmo a gente tá começando a editar no Macintosh, mas eu não tive ainda nenhuma aula pra saber o que é o Macintosh, mas eu já tô começando a mexer, há tô começando a descobrir. É dessa forma assim que a gente, que eu passo também pra eles. Eu dou a liberdade pra eles chegarem no equipamento, assim, conhecer o equipamento, eles ir mexendo e também descobrindo as coisas. Às vezes, como a gente já vem dando oficina antes, eles descobrem coisas que até eu não sabia ainda porque aqui é um aprendendo com o outro, aqui ninguém tá ensinando ninguém, tá assim sendo professor e aluno; aqui todos tá aprendendo um com o outro. (informação verbal⁶¹).

As oficinas funcionam, em primeiro lugar, para as atividades na Fundação, e não para, como disse acima, futuramente, quem sabe as meninas e meninos procurarem entrar no mercado de trabalho da área específica. A responsável pela oficina de *design* gráfico produz o material gráfico da Fundação, e desenvolve sua oficina a partir dos elementos gráficos da

⁶¹ Miguel.

Fundação. Por exemplo, Mêires utilizou, como recurso metodológico, um concurso de desenho, entre os componentes da oficina, que tinha como *motivo* a fachada do Memorial. As oficinas, ao tempo em que treinam tecnicamente, incutem a filosofia e os princípios da Fundação. Quando participei da oficina de rádio uma das primeiras questões que Alexandre abordou foi: o que é música de qualidade? Alexandre procurava mostrar a necessidade de que houvesse coerência entre o que diziam através da Rádio e o que viviam no cotidiano: citou um mau exemplo, que foi o de algumas meninas, que faziam programa na Rádio onde a vinheta promete que a melhor música do Cariri Oeste se escuta na Casa Grande FM, e estavam dançando na calçada ao som de uma música que se considerava de baixa qualidade. O tempo todo as oficinas estão remetendo os aprendizes ao universo da Fundação, seja através das habilidades que se procura transmitir, com vistas à realização de alguma tarefa do cotidiano da Casa Grande; seja através dos conteúdos que indicam valores e comportamentos que caracterizariam um menino da Casa Grande.

E quando não estão fazendo nada, o que fazem os meninos e meninas, já que praticamente não querem sair da Fundação, de domingo a domingo, dia e noite?

Quando num tem nada... Sempre tem alguma coisa pra fazer. Assim, quando não tem nada pra fazer aí o pessoal ainda tá fazendo, porque tá conversando com o outro aí, e aprendendo, sempre brincando... Assim, porque a Casa Grande assim é uma brincadeira, mas assim séria, porque a pessoa brinca, mas tá aprendendo, brinca e tá ganhando conhecimento. É uma brincadeira bem interessante assim, uma brincadeira assim que eu mesmo gosto de tá aqui na Casa Grande, eu mesmo gosto de tá participando dessa brincadeira assim, brincar de fazer TV, brincar de fazer rádio, brincar de fazer música. É uma brincadeira assim, vamos dizer assim, é uma brincadeira sadia, uma brincadeira assim de gente grande... É uma brincadeira de criança, mas é uma brincadeira assim que a pessoa ganha conhecimento. (informação verbal⁶²).

E a *pedagogia*, onde está nessa *escola* de comunicação? Como funciona a coordenação pedagógica? Existe alguma teoria que fundamente toda a lógica e a logística das tecnologias de transmissão? Existe algum “projeto pedagógico” sistematizado? Alguma

⁶² Miguel.

“grade curricular”?

Não, não, nenhum. Tudo o que a gente faz aqui é na baía, vai fazendo assim de acordo, faz uma coisa de um jeito se não dá certo vai procurar... Assim, os métodos são métodos que a gente vai criando. Assim, a gente não segue nenhuma teoria mesmo, seguir fulano de tal. Até Alemberg diz assim a teoria do *peajeita*⁶³. Mas é assim, é desse jeito mesmo. A gente vai fazer a coisa de um jeito quando não dá certo daquele jeito aí usa outro método, como esse que eu falei do ano passado, tu até acompanhou a reunião, né? (informação verbal⁶⁴).

...uma coisa interessante é que muitas das coisas que hoje a gente sabe, que a gente trabalha e que a gente faz aqui, a gente descobriu fazendo, quer dizer, a gente descobriu que a gente fazia já fazendo. Não é assim “vamos utilizar tal conceito”... Por exemplo, o conceito de “educomunicação”. A gente utilizou ele aqui na Casa Grande muito antes dele ser lançado como do terceiro setor, entrar na lógica do terceiro setor. A gente já fazia educomunicação aqui, a gente não tinha o conceito formatado, mas a gente já fazia (...) Já tinha a prática. Então várias outras coisas aqui na Casa Grande é uma coisa assim natural, espontânea. A metodologia de Paulo Freire, ou é aquela outra: não! Pode até ser um pouco de tudo mas em nenhum momento a gente teve essa preocupação de pegar pedagogias e aplicar aqui dentro (...) Alemberg sempre disse o seguinte: que a pedagogia da Casa Grande é a infância, inspirada na infância. Então é mesmo assim ver como é a brincadeira de uma criança, ver mesmo assim a infância, inspirada mesmo na vivência cotidiana do menino do interior. Então daí é que surgiu toda a pedagogia dentro da Casa Grande, é inspirada nisso. Não tem assim nenhum mistério, não tem [...] Uma coisa interessante é que alguma vez a gente tentou colocar aqui um coordenador adulto e não deu certo, não funcionou; a coisa só funciona do jeito que ela é mesmo, sabe. (informação verbal⁶⁵).

Entretanto, há algo mais fundamental que integra as ações num sentido transcendente, uma filosofia.

A filosofia da Casa Grande é toda em cima disso, da nação Kariri. Então como surgiu tudo, surgiu dum projeto de pesquisa musical e esse projeto de pesquisa musical foi em cima do tema do povo Kariri. A filosofia da Casa Grande é pura e puro o povo Kariri. A pessoa vendo essa organização, até mesmo você pega assim, vê o símbolo da Casa Grande, a bandeira da Casa Grande é toda dentro da mitologia do povo Kariri. Pega o símbolo, esse símbolo aqui [mostrando a camisa]: aqui simboliza o homem, depois vem aquele tipo dois triângulo que também já simboliza a colonização, que foi o colonizador que veio, expulsou o índio, utilizou o índio como... mataram os índios, se tornaram vaqueiros desses colonizadores. Então vem essa colonização. Então depois vem uma estrela em cima desse símbolo que é a escola de comunicação. Então é como se fosse assim: o homem vem se evoluindo, então num é querendo dizer assim que o homem pré-histórico não era evoluído. Assim, o homem desde que o homem começou a habitar a

⁶³ Neologismo que funde Piaget com peia.

⁶⁴ Samara.

⁶⁵ Rosiane.

terra ele já veio pra se evoluir, pra descobrir, como tem as passagens, a descoberta do fogo, vem a descoberta dos metais, essas coisas. Então é isso assim, a Casa Grande é pura mitologia Kariri porque a gente vem aprendendo a descobrir as coisas à medida do que é dado pra gente. A gente vem descobrindo, vem procurando ta dentro dessa filosofia da Casa Grande, saber, saber o que é a filosofia da Casa Grande e como o projeto andar pra frente dentro dessa filosofia. (informação verbal⁶⁶).

O menino chegou uma vez pra me perguntar uma coisa: “Alemberg, a Casa Grande é uma religião?” Eu digo, “não”. Porque que ele pergunta se a Casa Grande é uma religião? Porque na compreensão dele existe uma coisa a mais que só... existe uma filosofia atrás, né, que assim, uma coisa de porque que é que as coisas se processam assim. (informação verbal⁶⁷).

Pode não haver um télos, mas, se não se crê que ele existe é a dessacralização radical da vida e a dispersão do espírito.

Há todo um sistema de hierarquias entre as crianças e os jovens (que envolve a idade, o tempo de Casa, a experiência, o conhecimento...) que garante uma organicidade ao funcionamento das atividades. Como são apenas crianças e jovens tomando conta da Fundação todos os dias isso parece facilitar tanto a disciplina quanto o aprendizado. Este, naturalmente inserido no cotidiano, é vivenciado mais no sentido de estar recebendo um “toque”, do que um ensinamento protocolar. O ato de aprender se torna, de certo modo, secundário, ainda que não de somenos importância, pois o que parece interessar mesmo é a ocupação de “lugares de valor”, lugar em que se possa ser considerado e levado em conta, tornando-se a altura de uma responsabilidade da qual se é capaz de incumbir. Isto é, disciplina e aprendizado se misturam numa composição onde contam o orgulho pelo merecimento de uma função, pela possibilidade de utilizar um equipamento e até de vislumbrar a gerência de um setor (o que é fator de poder), ao tempo em que tudo isso está vinculado à necessidade de um aprendizado, técnico e, sobretudo, ético. O método: **conviver**. O “estar juntos” – essa “espécie de prazer em estado primitivo, uma defesa da mundanidade que está longe de ser mesquinha” – ao tempo em que seduz por uma espécie de satisfação originária, constitui-se como processo de *omnização* (BARTHES, 2003, p. 93).

⁶⁶ Miguel.

⁶⁷ Alemberg.

A gente aqui na Casa Grande vem procurando tá sempre assim um com o outro, por exemplo, a convivência um com o outro, a gente vai crescendo um junto com o outro. Por exemplo, eu entrei aqui com nove anos de idade, então hoje eu já tenho um conhecimento assim bem maior desses que tão começando a chegar, porque esses que tão chegando tão pegando as coisas já bem andadas, já tão vendo que a gente tem uma TV, que a gente tem um teatro, que a gente tem instrumentos musicais, que a gente tem o Memorial. Quando eu cheguei aqui só tinha o Memorial e poucas coisas, pouca coisa dentro do Memorial, e eu fui participando de todas essas etapas de ir chegando essas coisas, de a gente conseguir essas coisas. Então isso influencia muito na disciplina, assim, desses primeiro que tiveram esse contato com a Fundação, porque a gente vem aprendendo a ganhar as coisas e conservar essas coisas. Já esses que tão chegando agora já chega as coisas bem andadas, então não dão muito essa importância. Então, mas na medida do tempo que ele vai vendo aqui dentro da Casa Grande, que vai entrando em contato com os outros, ele vai começando a adquirir essa disciplina. Como, por exemplo, quando a gente chegou aqui na Casa Grande se corresse dentro do Memorial era uma coisa que não podia, não podia. Hoje em dia, quando as crianças vão chegando aqui na Casa Grande, aí começa a correr aqui dentro da Casa Grande, fazer bagunça, e na medida que nós que estávamos na época, no início, aí a gente vai começando a dizer “olhe, não pode fazer isso”. Aí ele já vai começando a adquirir aquela disciplina, já vai começando a saber que aquilo não é legal porque nós que estamos aqui não faz isso. Então essa disciplina vem muito de Alemberg, assim, Alemberg e Rosiane. Eles também, assim, por ele estar assim bem ligado aqui a gente eles vão começando a sacar o que é que a gente ta precisando, o que é que a gente ta necessitando, de falar... Assim, às vezes a gente faz reunião aí abre o debate pra pessoa expressar os sentimento, o que é que ta sentindo, fazer perguntas, totalmente assim, coisas que a pessoa ta querendo saber mesmo... Então isso, essa disciplina, vem também dessa orientação que eles dão. Então assim, todas as crianças, todos os jovens, os adolescentes que estão aqui, têm essa disciplina e vêm procurando repassar pros que vão chegando, e essa disciplina nós vem adquirindo assim no dia-a-dia. Como por exemplo, às vezes a pessoa ta fazendo uma coisa aí - porque ninguém é perfeito, erra. Aí, na medida que erra, da outra vez, quando vem aparecer aquela situação novamente, a pessoa já sabe: ah, daquela vez eu fiz dessa forma, então dessa vez eu vou procurar fazer certo. Então é uma disciplina que a pessoa vem adquirindo assim mesmo, e assim, na medida do dia-a-dia, a pessoa vem conhecendo a gente, vem conhecendo os outros e adquirindo isso. (informação verbal⁶⁸).

Tem um amigo meu que disse uma coisa que eu achei interessante, que é assim: uma pessoa chegou pra mim e falou como é que fabricava esfera. Disse que: “pega os *pedacin* de ferro e bota num negócio circular que elas vão rolando, batendo uma na outra, tum-tum, tum-tum-tum, até virar as bolinhas”, o outro explicando pra ele, “até virar esfera”. Então é assim que a gente aprende, né? Uns batendo nos outros até virar esfera, até ficar bem redondinho. (informação verbal⁶⁹).

⁶⁸ Miguel.

⁶⁹ Alemberg.



Figura 54 – Chegando para limpeza dos setores pela manhã



Figura 55 – Limpeza dos setores (1) Aureliano e “Netin”